

# Macabéa

Revista Eletrônica do Netlli, Volume 3, Número 2, Jul.-Dez. 2014

## MEMORIAL DE FORMAÇÃO COMO GÊNERO DO DISCURSO: PRODUTO DE TROCAS INTERACIONAIS EM CONTEXTOS DE FORMAÇÃO CONTINUADA



## MEMORIAL OF FORMATION AS A DISCURSIVE GENRE: PRODUCT OF INTERACTIONAL EXCHANGES IN THE CONTEXT OF CONTINUING EDUCATION

Ester Maria de Figueiredo SOUZA  
Leidiane Santos DOURADO  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA,  
Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [AS AUTORAS](#)  
RECEBIDO EM 11/11/2014 • APROVADO EM 09/02/2015

---

### Abstract

---

This paper discusses the potential of a memorial in formation in the continuing education process by teachers from elementary school. We took as our material for analysis four memorials produced by students/teachers from the Pedagogy program at the Federal University of Bahia in partnership with Irecê City Department of Education , between 2008 and

2011. Our focus is to analyze them according to the manner in which the subject was constituted, its compositional form and style. This research is based on Language Dialogic Theory by Mikhail Bakhtin, especially about the concept of speech genres. We adopted the methodological order proposed by Bakhtin/Volochínov (2010) as an analytical route. The results indicate that the memorial of formation is configured as a discursive genre in which the subjects expose their vocational training with the experiences of everyday life. Thus, it enables a redefinition of the practice in the classroom.



---

## Resumo

---

Este trabalho discute o potencial do memorial de formação no processo de formação continuada de docentes da educação básica. Tomamos como matéria para análise quatro memoriais produzidos por alunas/professoras do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Irecê, entre os anos de 2008 e 2011. Nosso foco é o de analisá-los em sua constituição de tema, forma composicional e estilo. Essa investigação tem como base a Teoria Dialógica da Linguagem de Mikhail Bakhtin, sobretudo o conceito de gêneros do discurso. Adotamos como percurso de análise a ordem metodológica proposta por Bakhtin/Volochínov (2010). Os resultados indicam que o memorial de formação se configura como um gênero discursivo em que os sujeitos expõem sua formação profissional entremeada com as vivências e experiências da vida cotidiana, possibilitando assim, a ressignificação da prática em sala de aula.

---

## Entradas para indexação

---

**KEYWORDS:** Dialogism. Genre of speech. Language.

**PALAVRAS-CHAVE:** Dialogismo. Gênero do Discurso. Linguagem.

---

## Texto integral

---

### Introdução

O gênero discursivo memorial de formação tem se revelado como mote para pesquisas em diferentes campos de estudos. Dentre esses campos, destacam-se a sua conformação como objeto de investigação na teoria dos gêneros do discurso do círculo bakhtiniano e na Linguística Aplicada. Uma das possíveis razões, talvez, seja o fato de esse gênero ter como autores professores que se assumem protagonistas do seu processo de formação pessoal e profissional, dando margem a investigá-lo como construção autoral e identitária, de modo que o memorial de formação constitui-se por meio de trabalho com a escrita na sua dimensão reflexiva e autorreflexiva, uma narrativa de acontecimentos relacionados a um determinado período de formação, à prática pedagógica e, quando necessário, a aspectos das vivências e experiências cotidianas. Segundo Prado e Soligo (2005, p. 09):

[...] o memorial de formação é uma forma de registro de vivências, experiências, memórias e reflexões que vem se mostrando imprescindível, não só para tornar público o que pensam e sentem os profissionais e futuros profissionais, mas também para difundir o conhecimento produzido em seu cotidiano.

Com o intuito de investigar o seu potencial no percurso de formação docente, a partir da compreensão de Prado e Soligo (2005), propomos ampliá-la, considerando-o também como um gênero do discurso que se filia aos estudos da Teoria Dialógica da Linguagem, ao endereçar a noção de gênero discursivo como enunciado que atende a uma situação sócio comunicativa e à necessidade autoral dos sujeitos da linguagem Bakhtin (2011).

Outra premissa para se compreender o memorial de formação como espaço discursivo está na constatação de que o uso da língua e suas modalidades de enunciação são realizados pelos sujeitos em suas convivências intersubjetivas como forma ou processo de interação. Essa consideração converge para abraçarmos a teoria dos gêneros do discurso do Círculo de Bakhtin como extrato teórico, pois, nessa concepção, a linguagem é vista como um lugar de constituição de relações sociais, produto e processo de interação verbal entre sujeitos, sendo provocadora de inúmeras possibilidades de enunciação por meio de criação e uso de gêneros discursivos. Esta concepção faz-se essencial para nortear o tratamento e a análise realizados sobre os memoriais de formação, objeto de estudo, produzidos por professores em formação continuada.

Para a realização deste trabalho, foram tomados como objeto de investigação quatro memoriais produzidos por alunas/professoras em exercício do Curso de Licenciatura em Pedagogia Ensino Fundamental/ Séries iniciais, da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia - UFBA, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Irecê (FACED/UFBA/IRECÊ), entre os anos de 2008 e 2011. A análise procedeu quanto à exploração discursiva da natureza do estilo e dos gêneros que constituem, no próprio interior do memorial, a sua natureza dialógica e autoral.

## 1 A ordem metodológica bakhtiniana como percurso de análise

Para uma análise interpretativa discursiva dos memoriais de formação, toma-se como orientadora a ordem metodológica de base indicada pelo Círculo de Bakhtin, na obra *Marxismo e filosofia da linguagem*:

*A língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes.*

Disso decorre que a ordem metodológica para o estudo da língua deve ser o seguinte:

1. as formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza;
2. as formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias de atos de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal;
3. a partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação linguística habitual. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2010, p. 129, grifos dos autores).

Primeiramente, obedecendo à ordem metodológica de Bakhtin/Volochinov (2010), a análise dos memoriais de formação iniciará pelas condições em que se realiza o gênero, ou seja, pela sua esfera de produção e circulação. Em seguida, a compreensão do gênero discursivo levará em conta suas três dimensões: tema, forma composicional e estilo e, finalmente, análise das formas da língua, necessária para definição do estilo do gênero.

As análises a serem empreendidas nos memoriais de formação possuem natureza discursiva e dialógica. Propomos assim, uma investigação não da língua pura e simplesmente (as palavras, as formas morfológicas ou sintáticas, os sons, as entonações), mas também pelos elementos verbos-visuais da situação sócio-histórica em que se atualiza o enunciado, aqui conformado globalmente como o memorial de formação de professores cursistas. Ao mesmo tempo, a análise é dialógica ao compreendermos o memorial de formação como um enunciado em um gênero do discurso que está em constante interação com outros textos, discursos e interlocutores, produto de uma situação sócio comunicativa dependente do trabalho que o sujeito realiza com a linguagem para se enunciar, expondo-se reflexivamente e autorreflexivamente sobre suas vivências e percurso de elaboração na e da escrita acadêmica do memorial.

## **2 A esfera de produção e circulação dos memoriais de formação**

É preciso fazer uma breve menção ao conceito de esfera de circulação, já que os gêneros são produzidos no interior de cada esfera. Conforme Bakhtin (2011), cada esfera produz seus tipos relativamente estáveis de enunciados que são os gêneros do discurso. Esses enunciados traduzem o propósito de cada campo por possuírem forma composicional, tema e estilo próprios. Dessa forma, Bakhtin (2011) utiliza o termo campo da atividade humana para referir-se ao espaço social em que ocorre a interação social, a produção e circulação de gêneros discursivos.

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo, não só por seu conteúdo (temático) e pelo seu estilo da



linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional [...]. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso. (BAKHTIN, 2011, p. 261-262).

O primeiro passo do método sociológico para estudo de enunciados concretos, segundo Bakhtin/Volochínov (2010, p. 129) é “[...] analisar as formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza”. Visando manter a coerência com o método, passa-se agora à apresentação da esfera de produção e circulação dos memoriais, objeto de estudo desta pesquisa.

Para a obtenção do diploma do referido curso, as professoras/alunas deveriam, juntamente com um professor orientador, produzir e entregar um memorial de formação. A título de contextualização, esse curso surgiu da demanda por formação de professores existente no Município, formalmente encaminhada à FACED, em novembro de 2001. Teve como objetivo integrar diferentes projetos que incrementariam, em diversas vertentes, o processo de formação dos professores. Os projetos integrados pelo programa foram: Projeto de Formação em Nível Superior dos Professores de Irecê/Bahia, Projeto Bibliotecas Virtuais, Projeto Ciberparques, Projeto Centro de Cultura e Comunicação, Projeto de Formação em Gestão Escolar, Projeto de Reestruturação das Edificações e Projeto de Atualização de Professores.

O primeiro projeto, intitulado Projeto de Formação em Nível Superior dos Professores de Irecê, é parte de um Programa Especial de Graduação em nível superior da FACED/UFBA com cursos semipresenciais, para graduar professores de municípios do Estado da Bahia. O curso foi dividido em ciclos com a duração de um semestre letivo e a cada ciclo foi oferecido um rol diversificado de atividades curriculares. Essas atividades ocorreram nas formas: presenciais, semipresenciais e a distância e foram divididas em três grandes grupos:

<b>Atividades</b>	<b>Apresentação</b>
a) Atividades teórico-práticas	Atividades curriculares em que são veiculados os conteúdos/formas considerados como referências imprescindíveis na formação dos professores/alunos.
b) Atividades em exercício	Atividades relacionadas à prática docente do professor/aluno, incluindo reflexões sobre a prática cotidiana e, a partir dessas reflexões, reformulações pelo professor/aluno com aplicação de diretrizes traçadas, localmente, pelo professor/aluno e professor/orientador.

c) Atividades de registro e produção	Atividades curriculares, realizadas individualmente ou em coautoria, nas quais o professor/aluno elaborará produções textuais diversas.
--------------------------------------	---

Quadro 1 – Demonstrativo das atividades oferecidas pelo Projeto de Formação em Nível Superior dos Professores de Irecê.

As atividades de registro de produção abarcam: o memorial, o diário do ciclo e os produtos textuais diversos. A escrita do memorial seria uma descrição crítica e reflexiva da trajetória pessoal de formação acadêmica e profissional do professor/aluno, sua situação atual e suas perspectivas futuras em relação ao Projeto de Formação.

Conformamos o memorial de formação como um gênero do discurso, individualizando como produto de interação verbal de uma situação sócio comunicativa e acadêmica. Em seguida, apresentamos a forma composicional, as marcas de estilo e o tema do gênero em questão, referenciando na Teoria Dialógica da Linguagem, do Círculo de Bakhtin, visto que as contribuições do Círculo para a pesquisa sobre gêneros do discurso consideram o estilo como implicado no gênero e dependente de uma determinada concepção de enunciado. O memorial, objeto de nossa investigação, é concebido como uma enunciação carregada de marcas de uma produção discursiva de caráter social. O produto dessa interação social é o enunciado, aqui materializado e exemplificado como memorial de formação.

### 3 O memorial de formação: questões conceituais

Tendo em vista sua presença como estratégia de avaliação quanto à constituição da docência e apropriação de seus saberes, a escrita de memorial tem sido uma dinâmica muito frequente nos cursos de formação de professores. Ribeiro (2008, p. 14) diz que “[...] se apresenta como um instrumento capaz de sistematizar as experiências vividas pelos sujeitos docentes de modo a levá-los à reflexão sobre o ser e o fazer em práticas escolares”. Dessa forma, como um gênero formativo, possibilita que os protagonistas da escrita, os professores em formação inicial ou continuada, registrem suas trajetórias de vida e seus percursos de formação, e ao mesmo tempo, façam uma reflexão acerca das mesmas. Sobre o memorial de formação Gaspar, Araújo e Passeggi (2011, p. 03) expõem que:

[...] é um tipo de escrita de si, uma narrativa descritiva e reflexiva sobre uma trajetória de vida e de formação. A grande riqueza da experiência do memorial é compreendida quando o rememorar dos eventos constrói pontes com o presente, criando insights que vão dar lugar a verdadeiras aprendizagens.

Segundo Prado e Soligo (2005) e Sartori (2008), o memorial de formação é um gênero discursivo predominantemente narrativo, uma vez que os sujeitos contam a partir da escrita, sua formação profissional e ainda, quando necessário, sua formação como ser humano em variados estágios. Na escrita do referido gênero, o autor exerce funções diferentes: de autor, como escritor e como personagem-protagonista. Como se trata de um memorial de formação, há um conteúdo específico a ser tratado: nossa formação e momentos da nossa vida que, de alguma forma, estão relacionados com nossa formação. É interessante que o sujeito traga, para a escrita do memorial, reflexões que surgiram a partir do curso do qual participa ou participou e as mudanças decorrentes disso. Sobre isso, Prado e Soligo ponderam:

Sendo o memorial **de formação**, já se tem aí, ao mesmo tempo uma explicitação e um fator limitante: o conteúdo, de modo geral, é nossa formação, mais nossas experiências e partes da história de vida que se relacionam com essas duas dimensões. Mesmo que se opte por um texto mais livre, ainda assim estará referenciado no fato de que trata-se de **um memorial** que é **de formação**. (PRADO; SOLIGO, 2005, p. 08, grifos dos autores).

O gênero discursivo memorial de formação parece ganhar relevância, quando produzido por professores em formação continuada, como é o caso dos memoriais de formação que analisamos neste trabalho. Como são profissionais em exercício, espera-se que tratem do curso do qual participam ou participaram e da prática profissional. Assim, há uma confluência de conhecimentos advinda da prática e do curso de formação e as implicações desses conhecimentos se expressam no exercício autoral da escrita desse gênero. Mas, nem sempre, os memoriais de formação são produzidos por professores em formação continuada. Em alguns casos, alunos em formação inicial que estão fazendo estágio ou participam de algum projeto dentro da universidade escrevem memoriais de formação. Em relação a essa discussão, Prado e Soligo salientam que “[...] quando os autores são apenas estudantes, o que se coloca como referência principal é a condição de estudante e a reflexão sobre a prática inevitavelmente é de outra natureza, uma vez que ainda não ingressaram na profissão” (PRADO; SOLIGO, 2005, p. 8).

A ênfase na experiência de vida, atualizando esse vivido com o exercício profissional parece ser uma das possibilidades para formação de professores. Larrosa aponta criticamente esse mecanismo como trabalho com a linguagem no contexto da cultura escolar, ao expor que:

[...] ao largo de toda nossa travessia pelos aparatos educacionais, estamos submetidos a um dispositivo que funciona da seguinte maneira: primeiro é preciso informar-se e, depois, há de opinar, há que dar uma opinião obviamente própria, crítica e pessoal sobre o que quer que seja. A opinião seria como a dimensão

“significativa” da assim chamada “aprendizagem significativa”. (LARROSA, 2002, p. 22).



Os professores conseguem narrar e recordar seus percursos formativo e profissional por algum significado dado a esses momentos ou por alguma ressignificação dada posteriormente. Esses exercícios de parar, repensar e dar tempo a si mesmo são considerados essenciais para que a experiência aconteça, pois, segundo Larrosa (2002, p. 24-25):

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

Consideramos o espaço discursivo de escrita de memoriais de formação como uma provocação para ativar alguém que está aberto a novas experiências e a novos aprendizados, alguém que tem consciência de que não é o dono do saber, mas que está sempre em busca de novos saberes. É um sujeito que está aberto à sua própria transformação. Essa transformação juntamente com a formação é um componente fundamental da experiência. O memorial de formação se configura como o território em que os professores não apenas narram seus momentos vividos, mas atribuem significados do já vivido ao contexto de formação docente.

#### **4 Memorial de formação: um gênero do discurso à luz da teoria bakhtiniana**

Como é sabido, o estudioso russo, Mikhail Bakhtin, descreve os gêneros do discurso como tipos relativamente estáveis de enunciados (BAKHTIN, 2011, p. 262). O gênero discursivo é relativamente estável porque, ao mesmo tempo em que ele conserva traços e regras que o diferenciam de outros gêneros, ele está propício a transformações. O autor afirma que só nos comunicamos, falamos e escrevemos, através de gêneros do discurso. Dessa forma, segundo ele, os sujeitos têm um infinito repertório de gêneros e, muitas vezes, nem se dão conta disso. Até na conversa mais informal, o discurso é moldado pelo gênero em uso, que nos são dados, “[...] quase da mesma forma com que nos é dada a língua materna, a qual dominamos livremente até começarmos o estudo da gramática” (BAKHTIN, 2011, p. 282).

Os gêneros do discurso são divididos em dois grandes grupos, segundo Bakhtin: os gêneros primários ou simples e secundários ou complexos. Os gêneros primários surgem nas situações cotidianas, informais e menos elaboradas. Por outro lado, os gêneros secundários surgem em situações comunicativas mais elaboradas e complexas da vida social.

Os gêneros discursivos secundários (complexos – romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie, os grandes gêneros publicísticos, etc.) surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) – artístico, científico, sociopolítico. No processo de sua formação eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples), que se formaram nas condições da comunicação discursiva imediata. (BAKHTIN, 2011, p. 263).

A partir das contribuições do filósofo da linguagem sobre gêneros do discurso, consideramos o memorial de formação como um gênero do discurso secundário ou complexo, pois ele é produzido e utilizado em situações da vida social mais formais, mais complexas e mais elaboradas, isto é, a esfera de circulação é acadêmica. Assim, também, o memorial de formação, objeto de nossa investigação, é concebido como uma enunciação linguística e carrega marcas de uma produção discursiva de caráter social, e o produto dessa interação social é o enunciado, aqui materializado e exemplificado como memorial de formação.

## 5 A forma composicional dos memoriais de formação

A forma composicional refere-se à estrutura e organização do enunciado produzido por um falante. Ela “[...] cumpre a função de integrar, de sustentar e de ordenar as propriedades do gênero [...] Consiste na arquitetura que conferirá ao gênero a possibilidade de identificá-lo face a outros gêneros” (RIBEIRO, 2008, p. 41). De acordo com Sobral (2009), a forma composicional relaciona-se com as formas da língua e com as estruturas textuais das quais o falante faz uso para que seu enunciado cumpra sua função comunicativa.

Podemos pensar, então, que as formas composicionais são modos de compor e estruturar um enunciado. Quanto a essa composição do enunciado, há uma certa estabilidade, garantida pelo uso da linguagem, que permite a identificação e diferenciação de um determinado gênero diante de outro gênero, já que “[...] o gênero escolhido nos sugere os tipos e os seus vínculos composicionais” (BAKHTIN, 2011, p. 286). Sendo assim, a forma composicional não é criada livremente cada vez que um falante se comunica através de um gênero do discurso, pois segundo o autor, “[...] o uso criativamente livre não é uma nova criação de gênero - é preciso dominar bem os gêneros para empregá-los livremente” (BAKHTIN, 2011, p. 284).

Mas, apesar dessa estabilidade da forma do gênero, há espaço para tomada de posição do sujeito, visto que, ao participar das atividades de linguagem, como a escrita de memoriais de formação, por exemplo, eles atualizam diversos gêneros do discurso que circulam na sociedade e dos quais eles fazem uso.

Ao analisarmos o gênero discursivo memorial de formação, verificamos que a forma composicional predominante é a narrativa. Todos os memoriais analisados são organizados por subtítulos, iniciam com as lembranças da infância, dos primeiros anos do ensino fundamental e da passagem do fundamental para o ensino médio para, em seguida, introduzirem as lembranças do percurso profissional e as expectativas em relação ao curso de Pedagogia. O sumário de um dos memoriais corrobora para nossa argumentação.

1. INTRODUÇÃO	06
2. LEMBRANÇAS DA MINHA INFÂNCIA	07
3. EU E A E A ESCOLA	11
4. INICIO DE UMA CARREIRA, PROFESSORA	15
5. PERCORRENDO NOVOS CAMINHOS	20
6. REFERÊNCIAS	26
7. APENDICE	36

Quadro 2 – Sumário do memorial de formação da professora/aluna MMAAS.

Outra questão essencial na configuração da forma composicional dos memoriais de formação é a intercalação de gêneros do discurso. O memorial de formação é um gênero discursivo com tema, estilo e forma composicional próprios, mas, ao mesmo tempo, carrega marcas de outros na sua constituição, visto a natureza verbo-visual apresentada pelos autores. Foi constatada inclusão de fotos e desenhos acompanhados de legendas que referenciavam parte do texto narrativo do memorial. Além disso, constatamos a inclusão de músicas, cantigas de rodas, trechos bíblicos e literários e um diálogo com outros gêneros que circulam na esfera acadêmica, como o artigo e o relatório, por exemplo. Afirmamos, assim, o memorial como um gênero híbrido, intercalado por outros gêneros.

<b>Gênero</b>	<b>Fragments dos memoriais de formação analisados</b>
Música	<p>Hoje me sinto mais forte  Mais feliz, quem sabe  Só levo a certeza  De que muito pouco sei  Ou nada sei (...). Penso que cumprir a vida  Seja simplesmente  Compreender a marcha  E ir tocando em frente (...)  Cada um de nós compõe a sua história  Cada ser em si</p>

	Carrega o dom de ser capaz E ser feliz. (ALMIR SATER, 1992 apud SANTOS, 2011).
Cantiga de roda	Eu morava na areia, Sereia! E mudei para o sertão, Sereia! Aprendi a namorar, Sereia! Com aperto de mão, Oh, sereia!
Texto bíblico	Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu: há tempo de nascer e tempo de morrer; tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou; tempo de chorar e tempo de rir; tempo de prantear e tempo de saltar de alegria; tempo de abraçar e tempo de afastar-se de abraçar; tempo de estar calado e tempo de falar; tempo de amar e tempo de aborrecer; tempo de guerra e tempo de paz. Assim, tenho visto que não há coisa melhor que alegrar-se na sua própria obra! (ECLESIASTES, 3: 1-8, apud RIBAS, 2011).
Texto literário	Enquanto eu tiver perguntas e não houver respostas continuarei a escrever. Como começar pelo início, se as coisas acontecem antes de acontecer? Se antes da pré- história já havia os monstros apocalípticos? Se esta história não existe, passará a existir. Pensar é um ato. Sentir é um fato. Os dois juntos – sou eu que escrevo o que estou escrevendo. (LISPECTOR, 2001 apud SANTOS, 2011).
Referência	Parar de pensar na avaliação apenas como resultado final é preciso olhar para avaliação num processo, respeitando as diferenças, levando em consideração a cultura de cada um, para assegurar a construção do conhecimento para todos. Como disse Zaballa (1998, p. 210 apud RIBAS, 2011): Difícilmente podemos conceber a avaliação como formativa se não nos desfazemos de algumas maneiras de fazer que impedem mudar as relações entre alunos e professor. Conseguir um clima de respeito mútuo, de colaboração, de compromisso com um objetivo comum é condição indispensável para que a atuação docente possa se adequar às necessidades de uma formação que leve em conta as possibilidades reais de cada aluno e o desenvolvimento de todas as capacidades. A observação da atuação dos alunos em situações o menos artificiais possível, com um clima de cooperação e cumplicidade, é a melhor maneira de que dispomos para realizar uma avaliação que pretende ser formativa.

Quadro 3 – Demonstrativo dos diversos gêneros do discurso que configuram a forma composicional do memorial de formação.

## 6 O estilo dos memoriais de formação

Para Bakhtin (2011, p. 261) o estilo é definido como “[...] os recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua.” Assim, ao analisarmos um enunciado, percebemos algumas marcas que lhe são próprias e que dependem do próprio gênero. Dessa forma, Bakhtin (2011) aborda o elemento estilo sob dois prismas: o estilo individual e o estilo de gênero. O estilo individual se configura como a posição enunciativa do sujeito e como as escolhas típicas do sujeito na construção da enunciação e o estilo do gênero “[...] figura como a convergência dos

usos linguísticos, textuais e discursivos reiterados em um dado contexto enunciativo” (RIBEIRO, 2008, p. 39-40). O estilo individual, para Bakhtin (2011), pode aparecer em todos os enunciados, mas existem aqueles mais propícios e outros menos propícios para refletir a singularidade do falante, pondera:

Todo enunciado – oral e escrito, primário e secundário e também em qualquer campo da comunicação discursiva (...) – é individual e por isso pode refletir a individualidade do falante (ou de quem escreve), isto é, pode ter estilo individual. Os gêneros mais favoráveis da literatura de ficção: aqui o estilo individual integra diretamente o próprio edifício do enunciado, é um de seus objetivos principais (contudo, no âmbito da literatura de ficção os diferentes gêneros são diferentes possibilidades para a expressão da individualidade da linguagem através de diferentes aspectos da individualidade). As condições menos propícias para o reflexo da individualidade na linguagem estão presentes naqueles gêneros do discurso que requerem uma forma padronizada, por exemplo, em muitas modalidades de documento oficiais, de ordens militares, nos sinais verbalizados da produção, etc. (BAKHTIN, 2011, p. 265).

Ao analisarmos os memoriais de formação, um deles nos chamou a atenção quanto à construção discursiva elaborada com a predominância de marcas interlocutivas caracterizadas por expressões de tentativas de aproximação da autora /professora/ aluna com o seu interlocutor, a professora orientadora. Além disso, verificamos a presença de alguns tipos de enunciados do léxico cultural e da vida cotidiana, o que revelou a necessidade de explicação de termos desconhecidos. Essas características encontradas na escrita do memorial de MROPR configuram o seu estilo individual. Algumas expressões do memorial de formação de MROPR recuperam a linguagem comum do seu meio social e marcam identitariamente esse(s) sujeito como pertencente a esse coletivo social.

As aventuras noturnas faziam com que minha imagem ficasse desenhada no lençol, o que resultava em um longo e demorado banho frio de cuia (utensílio feito da cabaça partida ao meio). Sempre participei de desfiles, mas nunca representei a simbologia dos meus sonhos, A baliza (garota que se vestia de bailarina e fazia acrobacias para abrir o desfile). E o fato mais surpreendente, por coincidência, ele é sondador (trabalha furando poço artesiano). Costumava sentar “horas a fio” para apreciar aquele belo espetáculo da natureza que o homem tão sabiamente entreviu para garantir líquido precioso por mais tempo na cidade. (REZENDE, 2011, p. 49 -50).

O estilo, segundo Bakhtin (2011), é também determinado pela relação existente entre o falante e o ouvinte. Ao enunciar algo, o falante deve levar em

conta o seu ouvinte, ou seja, qual poderá ser a sua compreensão responsiva em relação àquele enunciado. Segundo Brait (2005, p. 89):

[...] o estilo também depende do tipo de relação existente entre o locutor e os outros parceiros da comunicação verbal, ou seja, o ouvinte, o leitor, o interlocutor próximo e o imaginado (o real e o presumido), o discurso do outro, etc. Mesmo no caso dos gêneros altamente estratificados, sua diversidade deve-se ao fato de eles variarem conforme as circunstâncias, a posição social e o relacionamento pessoal dos parceiros. Se por um lado há o estilo elevado, estritamente oficial, há também o estilo familiar que comporta vários graus de familiaridade e de intimidade.

O vínculo entre estilo e gênero é orgânico, dependente dos enunciados, ou do enunciado constitutivo do gênero. Afirmamos também que o gênero é dependente de sua esfera de ocorrência e realização discursiva.

Cada esfera conhece seus gêneros, apropriados à sua especificidade, aos quais correspondem determinados estilos. Uma dada função (científica, técnica, ideológica, oficial, cotidiana) e dadas condições, específicas para cada uma das esferas da comunicação verbal, geram um dado gênero, ou seja, um dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico. O estilo é indissociavelmente vinculado a unidades temáticas determinadas e, o que é particularmente importante, a unidades composicionais: tipo de estruturação e de conclusão de um todo, tipo de relação entre o locutor e os outros parceiros da comunicação verbal (relação com o ouvinte, ou com o leitor, com o interlocutor, com o discurso do outro, etc.). O estilo entra como elemento na unidade de gênero de um enunciado [...] [O estudo do estilo] sempre deve partir do fato de que os estilos da língua pertencem por natureza ao gênero e deve basear-se no estudo prévio dos gêneros em sua diversidade. (BAKHTIN, 2011, p. 284).

Na primeira análise que fizemos dos memoriais de formação escritos pelas professoras/alunas do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Bahia - UFBA, percebemos a utilização da primeira pessoa do singular em seus textos como uma marca de estilo desse gênero discursivo, uma escrita narrativa e autobiográfica. Isso se deve ao fato de ser uma escrita em que as professoras/alunas devem registrar suas trajetórias de vida, seu percurso profissional e formativo, fazendo movimentos de reflexão e autorreflexão.

Com muita saudade lembro-me da infância, época importante da minha vida. Tudo parecia tão simples, e ao mesmo tempo difícil, enfrentei muitas dificuldades junto a minha família. Mas não posso esquecer as brincadeiras, os cheiros e aromas que bem relembram este período, a exemplo da terra molhada, o cheiro da

chuva, as coisas boas que fizeram parte da minha infância. (SOUZA, 2011, p. 07).

Vivia muito presa, sentia-me como um pássaro na gaiola, sem liberdade para voar. Minha vida se resumia à escola e casa. Na maioria das vezes, brincava sozinha. Chorava às escondidas, sentia saudade de casa, dos meus pais e dos meus irmãos. Um dia recebi a visita da minha mãe e dos meus irmãos, então, resolvi voltar, deixando minha Dinda muito triste. (SANTOS, 2011, p. 19).

Passeggi (2008) mostra que, mesmo com as imposições para apresentação de um memorial de formação – registro de memórias que, de alguma forma, fazem parte dos percursos profissional e formativo dos professores - há o fascínio pela escrita e que os autores, ao comporem seus memoriais, oscilam entre duas tendências: injunção institucional e sedução autobiográfica. Dessa forma, há espaço para tomada de posição do sujeito, visto que, não só registra fatos relacionados à sua formação e à sua profissão. Em alguns trechos da escrita dos memoriais, isso fica explícito:

Este memorial é um trabalho de final do curso de pedagogia proposto pela faculdade de educação Ufba/Irecê. Nele abordo a trajetória de minha formação pessoal, profissional, intelectual e da minha prática docente. A escrita deste texto me proporcionou lembrar coisas passadas tanto nos bons quanto nos momentos ruins que antes pareciam estar esquecidas, selecionei minhas memórias para expor neste texto o que considero relevante para minha vida profissional e pessoal, assim escrevo um pouco sobre minha infância, minha família e desafio que foi a minha formação/educação. (SOUZA, 2011, p. 6).

Outro fator que fazia com que a minha escrita travasse era na hora de fazer a seleção do que era importante estar nos diários, quais de fato foram as experiências mais relevantes, já que considero toda a aprendizagem obtida importante, neste ponto, surgem os momentos nas aulas de orientação com Antônia que dava suporte para que sáísse dos impasses, com as intervenções feitas durante as idas e vindas dos nossos escritos, o que muito me ajudou. (REZENDE, 2011, p. 45).

Segundo Bakhtin, o estilo é determinado pela relação que o sujeito-enunciador possui com seu interlocutor, ou seja, “[...] matizes mais sutis do estilo são determinados pela índole e pelo grau de proximidade pessoal do destinatário em relação ao falante nos diversos gêneros familiares de discurso, por um lado, e íntimos, por outro” (BAKHTIN, 2011, p. 303). O autor afirma que tanto um estilo mais familiar quanto um estilo íntimo percebem o interlocutor “[...] em maior ou menor grau fora do âmbito da hierarquia social e das convenções sociais, por assim dizer, sem classes” (BAKHTIN, 2011, p. 303). Aqui o interlocutor das

professoras/alunas são seus respectivos orientadores; são eles que avaliam e tem uma atitude responsiva em relação ao enunciado de seus orientandos. Então, são eles que avaliam o que está de acordo com o gênero memorial de formação. Eles decidem se a instituição UFBA poderá conferir o grau de licenciado às professoras/alunas.

Sentia-me encasulada, já que de início escrevia tudo que julgava conveniente, sem na maioria das vezes fazer o entrelaçamento das ideias, ou seja, escrevia para dar conta de tudo que era solicitado, jogava citações, podia até dizer do que eu queria, mesmo não havendo articulação com a ideia do autor e o que eu pretendia dizer mais à frente. Neste ponto pelo menos já consegui colocar palavras de outros autores na minha escrita mesmo sem fazer uma reflexão sobre as mesmas. (REZENDE, 2011, p. 44).

Esses próprios registros também possibilitaram aos professores da UFBA fazer intervenções via parecer, não só na minha escrita, mas também na forma como organizava meu diário, a exemplo o diário de ciclo um, no qual Inêz percebeu que além de apresentar dificuldade da escrita eu ainda não sabia manusear imagens. (REZENDE, 2011, p. 46).

De acordo com Bakhtin (2011), todo enunciado é pleno de palavras alheias. Assim, o memorial de formação como um gênero do discurso se desenvolve a partir da interação intensa dos enunciados alheios, às vezes reelaborados e com a marca individual do sujeito. Como afirma Bakhtin (2011), a palavra se apresenta em três categorias para o falante: como palavra neutra, como palavra alheia e como palavra minha.

[...] pode-se dizer que qualquer palavra existe para o falante em três aspectos: como palavra da língua neutra e não pertencente a ninguém; como palavra alheia dos outros, cheia de ecos de outros enunciados; e, por último, como a *minha* palavra, porque, uma vez que eu opero com ela em uma situação determinada, com uma intenção discursiva determinada, ela já está compenetrada da minha expressão. (BAKHTIN, 2011, p. 294, grifo do autor).

Nos memoriais de formação, percebemos que as professoras/alunas ao registrarem seus percursos formativo e profissional, utilizam a palavra alheia para dar sustentação e solidez ao seu discurso. Elas fazem uso da palavra autoritária advinda da esfera acadêmica. Essa palavra autoritária é a palavra acadêmica, religiosa, jornalística, científica, a palavra do professor, do escritor, do padre, do pai. São palavras revestidas de autoridade e, dessa forma, devem ser citadas para legitimação dos nossos enunciados, como afirma Bakhtin (2011, p. 294):

Em cada época, em cada círculo social, em cada micromundo familiar, de amigos e conhecidos, de colegas, em que o homem cresce e vive, sempre existem enunciados investidos de autoridade que dão o tom, como as obras de arte, ciência, jornalismo político, nas quais as pessoas se baseiam, as quais elas citam, imitam, seguem. Em cada época e em todos os campos da vida e da atividade, existem determinadas tradições, expressas e conservadas em vestes verbalizadas: em obras, enunciados, sentenças, etc.

A presença da tríade da palavra, palavra alheia e palavra minha bakhtiniana como ênfase para a escrita narrativa é elaborada por uma das autoras do memorial por meio da ênfase em citações, referenciação de leituras acadêmicas do curso e relato de vivências que compõem a sua trajetória profissional.

Para aprender é preciso que se tenha um ambiente favorável, onde predomine boas relações entre alunos, professores e comunidade em geral, num clima de aceitação e respeito mútuo, 'é necessário compartilhar uma linguagem comum entender-se, estabelecer canais fluentes de comunicação e poder intervir quando estes canais não funcionem' (ZABALLA, 1998, p. 101). É nessa perspectiva que tento levar o ensino até os alunos, intervindo para os mesmos despertem suas potencialidades. (RIBAS, 2011, p. 29).

Esse curso nos tirou da zona de conforto, pois como professora em sala de aula, tinha certeza do que deveria ser feito, mas senti, naquele momento, uma desconstrução de conhecimentos diante do novo contexto que o curso trouxe. O Avante me deu suporte para minha prática pedagógica. Diante deste contexto, observei a necessidade de refletir e ressignificar minha atuação pedagógica constantemente, pois, segundo Paulo Freire (1996, p. 25), 'ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua produção ou sua construção. (SANTOS, 2011, p. 28).

Destaca-se, ainda, como marca de estilo do gênero discursivo memorial de formação, o uso da primeira pessoa do singular, por ser um gênero do tipo autobiográfico, principalmente quando as professoras/alunas registram suas trajetórias de vida e a utilização da palavra alheia como forma de dar sustentação e legitimação aos seus discursos. Além dessas marcas, verificamos que o memorial de formação é um gênero híbrido que, na sua composição, intercala diversos gêneros do discurso que circulam tanto na esfera acadêmica como em outras esferas sociais.

Bakhtin/Volochínov (2010) abordam o tema do enunciado em relação à própria enunciação. O enunciar-se como sujeito social e produzir a enunciação são indissociáveis. O “[...] tema da enunciação é na verdade, assim como a própria enunciação, individual e não reiterável” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2010, p. 33). Os autores esclarecem então, que o sentido ou tema é único, não renovável, individual e expressa a situação histórica no momento da enunciação. Dessa forma, o tema da enunciação não somente é determinado pela língua (as palavras, as formas morfológicas ou sintáticas, os sons, as entonações), mas também pelos elementos não verbais da situação sócio-histórica em que se atualiza o enunciado. Cereja, num diálogo com as ideias bakhtinianas, enfatiza que:

[...] o tema é indissociável da enunciação, pois, assim como esta, é a expressão de uma situação histórica concreta. Como decorrência, é único e irrepetível. Participam da construção do tema não apenas os elementos estáveis da significação mas também os elementos extraverbais, que integram a situação de produção, de recepção e de circulação. Dessa forma, o instável e o inusitado de cada enunciação se somam à significação, dando origem ao tema, resultado final e global do processo de construção de sentido. (CEREJA, 2005, p. 202).

De acordo com essa posição, não podemos interpretar tema como assunto ou conteúdo central de uma obra, já que essa atitude reduziria a temática a uma síntese que não considera os aspectos sócios ideológicos, a apreciação, a entonação, o contexto. Com base nessa consideração, analisamos alguns excertos dos memoriais de formação relacionados ao recorte formação/profissão.

A partir da análise feita sobre os memoriais de formação, percebemos que todo período de escolarização das professoras/alunas foi baseado no método tradicional e que o curso de pedagogia (ensino superior) era visto por elas como o espaço para lembrar, refletir e (re)significar essas experiências vividas na escola, tentando assim, um distanciamento do método tradicional.

Vejamos o que nos diz Ribas sobre seu período de alfabetização:

Aprendi a ler e a escrever da forma tradicional a mais conhecida na época, primeiro se aprendia as vogais, depois as consoantes e, a partir daí, conhecia-se as famílias de cada letra. Lembro-me de quando eu estudava no primário na 4ª série, ...as leituras eram de fácil entendimento com belas ilustrações, muitas dessas histórias me faziam viajar no mundo da leitura. [...] Hoje, procuro levar a leitura para a sala de aula como fonte de prazer, ler por prazer e não por obrigação é uma das frases que utilizo muito no meu discurso. (RIBAS, 2011, p. 13-14).

Percebemos também que o método tradicional vivenciado no período de escolarização pelas professoras /alunas é retomado e reproduzido na prática em sala de aula e que, só com cursos de formação, elas conseguem avaliá-lo como um método não emancipador. Vejamos o que Souza nos diz sobre isso:

A experiência profissional que tinha era apenas a do estágio que durou trinta dias, mas com o desejo de ser uma boa professora, utilizando basicamente o método que aprendi a ler o método tradicional, agindo como dona do saber, via o aluno como aquele que estava ali para aprender. Que engano! Eles também sabiam, eu é que não percebia. Freire foi muito sábio quando disse: 'A autoridade docente mandonista, rígida, não conta com nenhuma criatividade do educando' (FREIRE, 1996, p. 92). Era assim que eu agia como uma professora mandona, rígida sem nenhuma criatividade. Mas, graças aos diversos cursos de formações para professores tendo aprimorado cada vez mais a minha prática de ensino. (SOUZA, 2011, p. 15).

A partir dos excertos, verificamos que o memorial de formação possibilita, a partir da escrita reflexiva e autorreflexiva, que os sujeitos narrem acontecimentos relacionados a um determinado período de formação, à prática pedagógica e aspectos relacionados às vivências e experiências cotidianas, descortinando assim as escolhas feitas e as implicações dessas escolhas na constituição da docência.

## Conclusões

A partir de uma investigação discursiva e do uso da ordem metodológica bakhtiniana como percurso de análise, percebemos que o memorial de formação, como um gênero do discurso formativo, possibilita que os sujeitos relatem suas trajetórias de vida entrelaçadas com o processo de formação e ao mesmo tempo, façam uma reflexão acerca das mesmas, deixando assim marcas, traços que possibilitam a identificação da subjetividade docente.

Mesmo abordando a globalidade do gênero memorial de formação podemos indicar que esse é um gênero híbrido encadeado com outros gêneros, visto a natureza verbo-visual apresentada pelos autores. Foi constatada a inclusão de fotos e desenhos acompanhados de legendas que referenciavam parte do texto narrativo do memorial. Além disso, constatamos a inclusão de músicas, cantigas de rodas, trechos bíblicos e literários e um diálogo com outros gêneros do discurso como o artigo científico e o relatório que circulam socialmente no espaço escolar, na esfera acadêmica de formação de professores, apresentando-se as exigências do gênero e ao mesmo tempo possibilidades de (des)construção dessas exigências para atender a necessidades do sujeito/professor autor/escritor do gênero em uma atividade de ensino. Afirmamos, assim, o memorial como um gênero híbrido, intercalado por outros gêneros.

Aferimos, assim, o estilo do gênero que é coletivo distinguindo-o do estilo individual eivado da subjetividade e opções do autor, singularidades do autor por elementos que compõem a dinâmica própria do plano de escrita da narrativa e de trabalho com a linguagem em situação de produção escrita escolar, pois é na prática da escrita que o estilo do genérico tensiona com o estilo individual do estudante professor, quando esse se defronta com a necessidade de cumprimento de uma atividade didática, no nosso caso, a escrita do memorial de formação, por meio de escolhas de organização textual, de opção de uso de imagens e gráficos, pela seleção dos recursos linguísticos a fim de dotar de expressividade e unidade temática o gênero produzido.

---

## Referências

---

ARAÚJO, Maria de Fátima; GASPAR, Mônica Maria Gadêlha de Souza; PASSEGI, Maria da Conceição. Memorial – Gênero textual (Auto) biográfico. In: SIGET – Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais, 6, 2011, Natal. **Anais...** Natal: UFRN, 2011. p. 1-13.

BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHÍNOV). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 14. ed. Tradução de Michel Lahud e Iara Frateschi, São Paulo: Hucitec, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. 6. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 261-306.

BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005.

CEREJA, William. Significação e tema. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005. p. 201-220.

LARROSA, Jorge. Notas sobre experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 19, p. 20-28, jan.-abr. 2002.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Mediação biográfica: figuras antropológicas do narrador e do formador. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre (Org.). **Memórias, memoriais**: pesquisa e formação docente. Natal: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2008. p. 43-58.

PRADO, Guilherme; SOLIGO, Rosaura. Memorial de formação: quando as memórias narram a história da formação.... In: PRADO, Guilherme; SOLIGO, Rosaura (Org.). **Porque escrever é fazer história**: revelações, subversões, superações. Campinas, SP: Graf, 2005. p. 47-62.

REZENDE, Maria Rita Oliveira Pereira. **Memorial de formação**: Revivendo o passado e o presente com o olhar projetado para o futuro. Universidade Federal da Bahia: Irecê, 2011.

RIBAS, Elizabete Rodrigues Novais. **Revivendo Memórias com Lembranças**. Universidade Federal da Bahia: Irecê, 2011.

RIBEIRO, Pollyanne Bicalho. **O discurso docente (re)velado no gênero memorial**. 2008. 288f. II. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

SANTOS, Mere Márcia Alves de Almeida. **Lembranças e experiências**. Universidade Federal da Bahia: Irecê, 2011.

SARTORI, Adriane Teresinha. **Os professores e sua escrita: o gênero discursivo “memorial de formação”**. 2008. 200f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2008.

SARTORI, Adriane Teresinha. O memorial de formação e a graduação de (futuros) professores. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 15, n. 28, p. 267-284, 1º sem. 2011.

SOBRAL, Adail. **Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009.

SOUZA, Nubiane Oliveira da Silva. **Memorial: narrando minha história de via**. Universidade Federal da Bahia: Irecê, 2011.

UFBA/FACED. Disponível em: <<http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/UFBAIrece/WebPrograma>>  
Acesso em: 16 abr. 2014.

---

### Para citar este artigo

---

SOUZA, Ester Maria de Figueiredo; DOURADO, Leidiane Santos. Memorial de formação como gênero do discurso: produto de trocas interacionais em contextos de formação continuada. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 3, n. 2, p. 37-56, jul.-dez. 2014.

---

### As autoras

---

**Ester Maria de Figueiredo Souza** é professora titular da UESB. Líder do Grupo de Pesquisa Linguagem e Educação CNPq – UESB. Professora do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGCEL) e Educação (PPGED).

**Leidiane Santos Dourado** é pesquisadora do Grupo de Pesquisa Linguagem e Educação – GPLED, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Bolsista CAPES.